



Foto: Vani Ribeiro / Wikipédia

Com o tema *Nhe'éry, plantas e literatura*,
a 19ª Festa Literária de Paraty acontece
de 27 de novembro a 5 de dezembro, em formato virtual

Nhe'éry (pronuncia-se nheeri) é como o povo Guarani chama a Mata Atlântica, uma denominação que revela a pluriversalidade da floresta. Como explica o cineasta e líder do povo Guarani Mbya, Carlos Papá, Nhe'éry quer dizer "onde as almas se banham". Além disso, Nhe'éry também conduz mensagens através de fios de palavras



19ª Festa Literária Internacional de Paraty

O viés da edição de 2021 é o de enlaçar, com esses fios de palavras, a literatura, essencial para se pensar o mundo e as relações entre humanos e não humanos. A grande importância das plantas nas obras literárias precisa ser destacada: os buritis de Guimarães Rosa, o Jardim Botânico e as flores de Clarice Lispector, as árvores de Fernando Pessoa, as folhas de Mãe Stella de Oxóssi, a bananeira de Bashô, as palmeiras e matas de Amos Tutuola, o herbário de Emily Dickinson, a polinização cruzada de Waly Salomão, o planeta-floresta de Ursula K. Le Guin, a floresta e a escola de Oswald de Andrade, seguindo-se novos fios de palavras de ficcionistas e poetas da contemporaneidade.

O texto literário, sob forma de narrativa, poesia ou drama, em registro oral ou escrito, tem dado uma contribuição fundamental para o respeito e a valorização das diferentes formas de vida. É a partir dessa perspectiva que a Flip se transforma em labo-

ratório e busca outras expressões, linguagens, perspectivas e mundos.

O evento traz a floresta como inspiração para a Festa deste ano: a diversidade, a colaboração em vez da competição, a capacidade regenerativa, a rede de comunicação estabelecida no ar e na terra entre as raízes das árvores e as hifas dos fungos, as alianças formadas por águas, pedras, plantas, ventos, insetos, pássaros e todos os viventes.

Mauro Munhoz é o diretor artístico do evento, que também conta com um inédito coletivo curatorial formado por Hermano Vianna, Anna Dantes, Evando Nascimento, João Paulo Lima Barreto e Pedro Meira Monteiro.

Hermano Vianna, antropólogo de formação, e misturador geral de informações, coordena o trabalho do coletivo; Anna Dantes é colaboradora da *Escola Viva Huni*

Kuin há mais de dez anos e uma das fundadoras do *Selvagem* – Ciclo de estudos sobre a vida; Evando Nascimento é escritor e filósofo, pioneiro na reflexão sobre literatura e plantas no Brasil; João Paulo Lima Barreto é antropólogo do povo Tukano, do Alto Rio Negro, fundador do *Centro de Medicina Indígena* em Manaus; e Pedro Meira Monteiro é professor da *Princeton University* e um dos fundadores da oficina *Poéticas Amazônicas*, no Brazil LAB da Universidade.

Com datas marcadas entre 27 de novembro e 5 de dezembro, a Flip quer atuar como um laboratório de aprendizagem dos ensinamentos a partir de *Nhe'éry*, e abrir espaço para refletir sobre as questões da contemporaneidade e a superação de suas crises do ponto de vista artístico, semântico, cognitivo, ambiental, político e socioeconômico. Nesse sentido, a programação vai dialogar com criadores, pensadores e conhecedores que têm se voltado para ancestralidades e outros modelos de organização social e visões diferentes do conhecimento.

Na programação geral, as mesas e intervenções videográficas buscarão um formato híbrido, sem presença de público, em um momento ainda delicado da pandemia de Covid-19. Tudo em caráter laboratorial, tudo em construção, tudo na base de experimentações intelectivas e sensoriais. Tudo em busca de novos caminhos que conduzam a um mundo mais justo, igualitário, sustentável e criativo. Será então uma Flip em

defesa da arte, da vegetação que protege o planeta e, sobretudo, da vida em suas múltiplas configurações.

Sobre a decisão de não realizar uma Flip presencial, o coletivo foi categórico: *“não é o momento certo”*. Além de homenagear vítimas da pandemia, Mauro Munhoz explicou que a decisão faz parte também de uma desaceleração necessária. *“Precisamos nos reeducar, diversificar o repertório. Ainda não temos segurança para imaginar juntar 20 mil pessoas para se aglomerar no centro histórico de Paraty*, declarou.

HOMENAGEM

Ainda seguindo as lições de *Nhe'éry*, no lugar de um(a) escritor(a) homenageado(a), a Flip faz uma homenagem coletiva, para todo(a)s o(a)s pensadore(a)s /conhecedore(a)s/mestre(a)s indígenas que tiveram suas vidas interrompidas pela Covid-19. Gente de várias florestas do Brasil, gente discípula das plantas. A Flip 2021, inspirada em projetos como o emocionante *Memorial Vagalumes* – que guarda parte da memória das pessoas indígenas que se foram com a Covid-19 –, quer cultivar e espalhar suas sabedorias por todo o mundo. Trata-se de pessoas-enciclopédias, bibliotecas vivas que não podem desaparecer.

Entre os nomes estão Higino Tenório, escritor, benzedor, especialista em arte rupestre, professor e fundador da primeira escola indígena do povo Tuyuka; Feliciano

Lana, artista plástico e escritor do povo Desana, conhecido internacionalmente; Zé Yté, colaborador central dos mais importantes estudos sobre a etnobiologia Kayapó; Maria de Lurdes, guardiã das plantas de cura do povo Mura; Meriná, mestra de rituais de cura e benzimentos do povo Macuxi; Alípio Xinuli Irantxe, mestre das flautas do povo Manoki; Domingos Venite, Guarani, líder da maior terra indígena do estado do Rio de Janeiro, militante de novas políticas de saúde indígena.

Em paralelo, a Festa celebrará a obra de muitas outras pessoas de vários povos indígenas. Através desses nomes, a Flip também homenageia todas as vítimas da pandemia, entre elas gente de outras sabedorias e narrativas como Nelson Sargento, Aldir Blanc e Zé de Paizinho (mestre do samba de aboio sergipano), além dos poetas Olga Savary, Maria Lúcia Alvim e Vicente Cecim e o ficcionista Sérgio Sant'Anna.

A PROGRAMAÇÃO

A Flip sempre manteve uma relação próxima com a região de Paraty e esse vínculo permanece, mesmo com a edição virtual. As mesas do programa principal

serão exibidas em lugares espalhados por todo o território local e arredores, não apenas no centro histórico. Em cada um desses pontos haverá um moderador dedicado a interagir com o público que lá estiver e essas manifestações culturais com personagens

de Paraty, registradas no local, serão integradas à Programação Principal da Flip.

Munhoz explicou que essa ideia surgiu das próprias instituições culturais de Paraty que começaram a transmitir o conteúdo da Flip para pequenas audiências locais, como se fosse um "programa de formação de público".

Toda a programação será transmitida pelo canal da Flip no YouTube:

<https://www.youtube.com/c/flipfestaliteraria>

Mais informações em www.flip.org.br



Foto: Site oficial da Flip / Divulgação